ARTIGO

BILDUNG COMO REDENÇÃO
Ernst Robert Curtius e O Espírito Alemão em Perigo

WALKIRIA OLIVEIRA SILVA
Universidade Federal de Alfenas
Alfenas | Minas Gerais | Brasil
walkiria.oliveiras@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9530-8881

Deutscher Geist in Gefahr [O Espírito Alemão em Perigo], de Ernst Robert Curtius, foi publicado em 1932, quando a conturbada República de Weimar caminhava para a sua dissolução. Desde a perspectiva da burguesia culta, Curtius procurou defender e restituir a função social da *Bildung* e sua herança humanista na manutenção da cultura alemã. Nesse sentido, a reconstrução da *Bildung* poderia fornecer soluções para a conturbada conjuntura alemã de Weimar. *Deutscher Geist in Gefahr* é o objeto privilegiado nesse artigo que se encontra dividido em duas partes interconectadas: na primeira, apresento o conceito alemão de *Bildung*, bem como suas implicações sociais e identitárias relacionadas à burguesia culta e à identidade nacional alemã. Na segunda, analiso o livro de Curtius, a fim de conectá-lo à seção anterior e apresentar seu construto teórico e conceitual, enfatizando a relação estabelecida por Curtius entre a *Bildung*, a *Kultur* e o humanismo.

Bildung – Humanismo – história intelectual – história dos conceitos

ARTICLE

BILDUNG AS REDEMPTION
Ernst Robert Curtius and The German Spirit in Danger

WALKIRIA OLIVEIRA SILVA
Universidade Federal de Alfenas
Alfenas | Minas Gerais | Brasil
walkiria.oliveiras@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9530-8881

Deutscher Geist in Gefahr [The German Spirit in Danger], by Ernst Robert Curtius, was published in 1932, when the turbulent Weimar Republic was heading towards its dissolution. Curtius, as a member of the German educated bourgeoise, sought to defend and restore the social funcion of the concept of *Bildung* and its humanist heritage in maintaining German culture. In Curtius perspective, the reconstruction of *Bildung* could provide solutions for the German situation during the Weimar Republic. *Deutsch Geist in Gefahr* is the main thema of this paper, which is divided into two interconnected parts: in the first, I introduce the German concept of *Bildung*, and its social and indentity implications related to the educate bourgeoisie and German national identity. In the second part, I analyze Curtius' book in order to connect it to the previous section and present its theoretical and conceptual construct, emphasizing the relations established by Curtius between *Bildung*, *Kultur* and humanism.

Bildung – Humanism – Intellectual history – Conceptual history

Entre aqueles que se dedicam a estudar o desenvolvimento da história da literatura europeia, o nome de Ernst Robert Curtius (1886-1956) é amplamente reconhecido, sobretudo pela sua obra monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, publicado em 1948. Especialista notável nos estudos sobre as línguas e a literatura de origem românicas, além de crítico literário, pouco se conhece, contudo, que Curtius escreveu duas obras interconectas, no decorrer da década de 1930, que contemplaram a temática da *Bildung*.

No início de 1929, quando passava um semestre em Roma, Curtius foi convidado para assumir o cargo de professor na Universidade de Bonn, onde começou a trabalhar em outubro do mesmo ano. Desde o momento em que retornou a Bonn até 1932, em meio à efervescência política, cultural e econômica da República de Weimar, Curtius publicou quatro livros e cerca de quarenta artigos. Dentre os livros, apenas um foi dedicado exclusivamente à temática literária: *James Joyce und Seine Ulysses* [James Joyce e seu Ulisses], de 1929. No ano seguinte, veio a lume seu *Die französische Kultur* [A Cultura Francesa], no qual Curtius procurou compreender a relação entre o conceito de civilização e a unidade identitária francesa, contrapondo-a aos laços sociais comunitários estabelecidos mediante o conceito alemão de *Kultur* (Wieckenberg 2017, 293). Nas outras duas obras, Curtius se concentrou na problemática da *Bildung* e suas conexões com a cultura alemã e o humanismo, conectando-as à conjuntura alemã dos anos finais da República de Weimar.

Deutscher Geist in Gefahr [Espírito Alemão em Perigo], cuja análise é privilegiada neste artigo, foi publicado em 1932, quando a República de Weimar caminhava para a sua dissolução diante do crescimento da extrema-direita e da nomeação de Adolf Hitler como chanceler, em 1933. De maneira geral, a temática central de Curtius restava no desmoronamento da vida intelectual alemã, cujo principal motor era a transformação do ideal de *Bildung* e o desprezo pela herança humanista que a acompanhava. Essa postura ameaçava a sobrevivência do espírito alemão – o *Geist*, tão caro aos românticos – e gerava consequências fatídicas para a cultura alemã em seus mais diversos aspectos.

No prefácio à segunda edição de Deutscher *Geist in Gefahr*, Curtius afirmou que se empenhava em escrever um outro livro sobre a *Bildung* alemã, "como complemento a esse escrito predominantemente polêmico e crítico" (Curtius 1932, 9). As duas obras estariam, portanto, correlacionadas. No entanto, *Elemente der Bildung* [Elementos da Bildung] acabou por não ser publicado no decorrer da vida de Curtius. Considerado então como uma obra inacabada que muito provavelmente havia se perdido, *Elemente der Bildung*, foi encontrado em um arquivo, em 2008, quando os pesquisadores Barbara Picht e Ernst-Peter Wiekenberg, organizavam uma parcela ainda pouco explorada do acervo de Curtius (Picht; Wieckenberg 2017, 9-10). Organizada pelos dois pesquisadores, uma edição de *Elemente der Bildung*, guarnecida de rico material crítico, veio a público em 2017. Os dois livros de Curtius integram uma única obra, cuja leitura, a meu ver, deve ser realizada em conjunto.

Além das duas obras aqui apresentadas, Curtius escreveu ainda *Abbau der Bildung* [Dissolução da *Bildung*], artigo publicado na revista literária *Die neue Rundschau*, em 1931. Em grande medida, seu artigo prenunciou as ideias que seriam desenvolvidas com maior acuidade na sua obra de 1932. Já nesse artigo, Curtius teceu significativas ponderações sobre o enfraquecimento da *Bildung* alemã mediante o desmoronamento da cultura humanista frente ao crescimento

da sociedade técnica-industrial. Todas essas considerações aportariam em *Deutscher Geist in Gefahr*.

Intento analisar os dois livros de Curtius sobre a ideia alemã de *Bildung*, em dois artigos correlatos. Nesse primeiro, examino *Deutscher Geist in Gefahr* a fim de conectá-lo ao conceito alemão de *Bildung* e às funções sociais e culturais por ele assumidas principalmente nas três primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, organizei esse artigo em duas partes conexas: na primeira discuto o desenvolvimento do conceito alemão de *Bildung*, uma especificidade semântica alemã, ressaltando seu papel social na fundamentação identitária da burguesia culta alemã. Em sequência, analiso a obra de Curtius, apresentando seu construto argumentativo, teórico e conceitual a fim de não apenas relacioná-lo à parte anterior, como compreender as conexões estabelecidas por Curtius entre o conceito de *Bildung* e a realidade social, política e cultural da República de Weimar.

O CONCEITO DE *BILDUNG* E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE ALEMÃ

Qualquer leitor que se tenha aventurado nos livros caudalosos de Thomas Mann, já desfrutou da companhia de um burguês culto que atravessou a virada do século XIX para o XX. Em *Os Buddenbrook*, Mann, um típico representante da burguesia culta alemã, converteu esse universo em uma narrativa realista a partir da história da sua própria família e, não sem motivo, entendeu que seu livro constituía também "um pedaço da história da alma da burguesia europeia" (Mann, 1974, 383. Apud: Galle, 2016, 683). Ao ler as obras de Mann, podemos adentar o lar de um burguês culto: belas e confortáveis poltronas forradas com couro, estantes recheadas com bons livros espalhados pelos diversos cômodos e uma vasta e aconchegante sala de jantar. Além disso, eram necessários os salões, que garantiam aos burgueses cultos seus encontros intelectuais, uma das principais atividades da burguesia culta alemã da *belle époque*[1]. Os salões – como os mantiveram os casais Weber, Simmel e Lepsius, por exemplo - constituíam espaços compartilhados por burgueses cultos que, por sua vez, compactuavam de um universo axiológico comum que fundamentava suas identidades individuais e coletivas. Era mediante a sociabilidade dos salões que a *Bildung* se mantinha como um elemento fundante da maneira de viver dos

[1] Podemos ler, por exemplo, em *Doutor Fausto*: "Resta-me ainda falar de seu apartamento de oito peças, preservado do menor grão de poeira. Dois salões, dos quais um, mais íntimo, servia à dona da casa de habitação cotidiana; a vasta sala de jantar, com móveis de carvalho esculpidos; o fumadouro, reservado aos senhores, com suas confortáveis poltronas forradas de couro; o quarto conjugal, onde, acima do par de leitos amarelos de pereira polida, planava o anteprojeto de um baldaquim, e em cujo toucador se encontravam resplandecentes *flacons* e utensílios de prata, enfileirados exatamente de acordo com os tamanhos. Esse apartamento era, na minha opinião, o modelo de um lar de burgueses cultos alemães, tal como durante alguns anos ainda prosseguiria existindo, numa época de incipiente desagregação. Para que se criasse essa impressão, contribuíam os "bons livros", que se achavam em abundância exibidos em todas as peças, na sala de estar, no salão de recepções e no fumadouro. Na sua aquisição, ora para guardar o decoro, ora para não provocar choque psíquicos, evitara-se tudo o que pudesse excitar ou corromper; somente havia lá obras dignas, instrutivas, os tratados históricos de Leopold von Ranke, as monografias de Gregorovius, tratados de história da arte, clássicos alemães e franceses; em suma, a coleção alicerçava-se em coisas estáveis, duradouras". (Mann 2015, 380-381) Sublinho aqui a noção de que a *Bildung* estava associada a "coisas estáveis, duradouras", apontando na direção da manutenção de uma tradição, elemento importante para as formações identitárias de todo e qualquer grupo.

burgueses cultos e se constituía como um conceito aglutinador para o entendimento da experiência da modernidade.

Afirma-se com facilidade que o universo semântico-axiológico condensado no conceito de *Bildung* é de difícil tradução, beirando ao impossível. Com efeito, em português tanto as palavras educação como formação não conseguem abranger a totalidade multifacetada de seu significado, pois, de maneira geral, estão conectadas a uma educação escolar formal. É dessa adversidade semântica que parte Koselleck (2020, 115), ao apontar os elementos que não constituíam o conceito de *Bildung*: não se relacionava com o processo educativo institucional e não dizia respeito a uma falsa pretensão daqueles que se entendiam como cultos.

Embora a tradução do conceito seja árdua, o que ele abarca, todavia, não o é. *Bildung* está intimamente relacionada à fundamentação, manutenção e veiculação da identidade cultural de determinado grupo, no caso alemão, da *Bildungsbürgertum* (Selbmann 1994, 1). O importante aqui é a autodefinição coletiva de uma identidade cultural para a qual a ideia de *Bildung* funcionava como um vetor normativo-interpretativo das experiências históricas significativas que se desenrolavam conexas à realidade circundante. No meu entendimento, a *Bildung* se apresentava como um elemento da consciência histórica desses indivíduos e os auxiliava na sua orientação temporal e na compreensão da experiência da modernidade, explicando-lhes seu lugar e sua função social. Nesse sentido, a *Bildung* adquire uma atribuição social que norteia as escolhas de ações de grupos de interesse – da burguesia culta - conectadas às condições políticas, econômicas e culturais de determinada realidade histórica. Ainda voltarei a essa discussão.

Assim como o conceito moderno de História, o conceito neo-humanista de *Bildung*, formatado sobretudo por Wilhelm von Humboldt (1767-1835) no final do século XVIII, abarcou a perspectiva de um coletivo singular que se tornou pressuposto para as ações coletivas, conceito que reunia, portanto, experiências distintas mediante a noção de pertencimento a um desenvolvimento histórico comum (Koselleck 2020, 118; 121). A reflexão transcendental-filosófica operacionalizada pela correlação conceitual entre *Bildung* e *Geschichte*, como conceitos coletivo singulares, tornou-se um elemento incontornável para a fundamentação das identidades individuais e coletivas. A *Bildung* era, portanto, necessariamente histórica (Koselleck 2020, 122). Herdeira do idealismo e do romantismo e sua ênfase no mundo interior do indivíduo, contrário à universalização promovida pelo iluminismo francês, a *Bildung* se referia, num primeiro momento, à formação autônoma e autorreflexiva do indivíduo que, posteriormente, era transposta para as ações no mundo exterior. No desenvolvimento de sua formação, interconectada ao mundo histórico, o indivíduo sabe o que deseja ser – um burguês culto, ou seja, um alemão - sua interioridade integra essa comunidade e, ao mesmo tempo, seu individualismo a compreende.

A ideia de *Bildung* integrava a esfera semântica e axiológica da burguesia culta alemã, a *Bildungsbürgertum*, cujo desenvolvimento estava atrelado às realidades política, social e cultural dos alemães. Quando comparada às outras nações europeias, a Alemanha, como hoje territorialmente a compreendemos, foi tardiamente unificada, em 1871, sob a égide da campanha militar liderada por Bismarck e sua vitória na Guerra Franco-Prussiana. A centralização política e territorial efetuada pelo projeto de unificação do império alemão colocou fim, do ponto de vista formal, à perene tradição de descentralização política e

territorial do Sacro Império Romano Germânico, cuja dissolução havia ocorrido em 1806, com a abdicação de Francisco II diante da invasão de Napoleão e a organização da Confederação do Reno sob domínio da França. Superados os anos de ocupação napoleônica, foi criada a Confederação Germânica e, posteriormente, em 1866, com o desenrolar da guerra Austro-Prussiana sob liderança de Bismarck, a Prússia passou a dominar os territórios germânicos, conduzindo, poucos anos depois, o projeto alemão de unificação[2]. Além da descentralização política, a burguesia alemã gozava de pouca participação na vida política e seus planos de emancipação, aliados ao projeto de uma constituição liberal que garantisse a unidade nacional, foram derrotados com o desfecho das revoluções de 1848.

Diante da descentralização política e territorial vigente entre os germânicos e do exíguo espaço para participação política, parcela da burguesia alemã se voltou para a cultura como elemento de distinção social e identitária. Se a identidade nacional não podia se constituir territorial ou politicamente, ela poderia se estabelecer mediante uma formação cultural comum. Assim, a burguesia culta tomou para si o encargo de fundamentar a identidade nacional alemã mediante a absorção de uma cultura especificamente nacional. O desdobramento pragmático do conceito de *Bildung* operacionalizado pela burguesia culta somente pode ser bem compreendido quando associado à ideia alemã de *Kultur* que estava conectada ao desenvolvimento histórico da *Bildunsgbürgertum* e a seu compromisso com a promoção da identidade nacional. A intersecção entre *Bildung* e *Kultur* retificava aquele caminho formativo que se completava na reunião entre o mundo interior e exterior. No transcorrer do seu processo formativo, o indivíduo se relacionava com o mundo exterior mediante uma conexão orgânica – herdeira do romantismo – que garantia o sentimento de pertencimento a uma comunidade, uma *Gemeinschaft*. Por isso, Dumont (1994, 20) considera que a *Bildung* é uma fórmula idiossincrática alemã que envolve dois elementos estruturais: uma visão holística da comunidade aliada ao cultivo autônomo e reflexivo e do indivíduo.

Esses elementos basilares apontados por Dumont desembocaram em dois pontos substantivos para a relação entre o par *Bildung-Kultur*[3] e a burguesia culta alemã no seu empenho em pensar e definir, desde seu universo conceitual e axiológico, a identidade nacional: o primeiro dizia respeito a uma ideia de comunidade que alavancava as diversidades das variadas culturas – legado importante da filosofia de Herder – em detrimento do universalismo proposto pelo Iluminismo. Essa dicotomia se traduziu na construção de dois pares

[2] O que expressou Goethe, em 1828, nas suas *Conversações com Eckermann*: " Não me causa temor – disse Goethe – que a Alemanha não venha a se unificar; nossas boas estradas e as futuras ferrovias farão sua parte. Que ela seja, antes de mais nada, unida pelo amor de uns pelos outros! E que seja sempre unida contra o inimigo estrangeiro. [...] unida no sentido de que minha bagagem atravesse os 36 estados sem ser aberta. Seja unida de modo a que o passaporte de um cidadão de Weimar não seja considerado inválido pelo guarda-fronteiras de um estado vizinho como sendo o de um *estrangeiro*. Que no âmbito dos estados alemães não se fale mais em "interior" e "exterior". Que a Alemanha seja unida por pesos e medidas comuns, no comércio e na indústria e em centenas de outras coisas semelhantes que não posso e não quero mencionar. Mas pensar que a unidade alemã consiste em que o enorme império possua uma única grande capital, e que essa única grande capital serviria para o bem da grande massa do povo tanto quanto para o bom desenvolvimento de grandes talentos individuais, é um equívoco." (Goethe 2016, 657).

[3] Apesar da palavra composta *Bildungskultur* ser aceita na semântica alemã, optei por deixá-las separadas para reforçar o fato de que, mesmo correlacionadas, correspondem a uma composição conceitual. O uso de *Bildungskultur* parece dissolver essa questão.

conceituais antitéticos e assimétricos (Koselleck 2006) que respaldaram o discurso identitário engendrado pela burguesia culta e que permaneceu vigente até o século XX: *Kultur/Zivilisation* e *Gemeinschaft/Gesellschaft*[4]. Esses pares conceituais antitéticos – porque demarcam uma oposição- e antitéticos – porque estabelecem um vínculo de inferioridade – sublinharam a oposição à França iluminista. Civilização e sociedade eram características associadas à França, à homogeneização cultural e social estabelecida pelo Iluminismo, à valorização do mundo exterior em detrimento do interior e a uma identidade que era pensada desde o mundo exterior para depois ser interiorizada. Cultura e comunidade eram atributos germânicos completamente avessos àqueles dos franceses. Tratava-se, portanto, do enaltecimento das individualidades, do mundo interior e da formação de uma identidade cultural que partia necessariamente do mundo interior do indivíduo e era intersubjetivamente compartilhada no mundo exterior.

Nesse percurso, a relação interior-exterior se completava e fundamentava a identidade da burguesia culta que, no caso alemão, correspondia à identidade nacional (Dumont 1994, 44). A identidade se sustentava nessa relação intersubjetivamente compartilhada em que o mundo interior alcançava o exterior, caminho trilhado em dupla via. Nesse caminho entre o mundo interior e o exterior, as identidades individual e coletiva se encontravam integradas. A *Bildung* correspondia, desse modo, tanto ao desenvolvimento formativo autônomo e reflexivo do indivíduo que absorvia a cultura nacional como ao produto desse processo: o indivíduo formado que compartilhava e definia, desde a perspectiva de seus iguais, a identidade nacional. Quando Novalis (2021, 53) escreveu que "o povo é uma ideia" e logo, por conseguinte, "um homem perfeito é um pequeno povo", o poeta expressava a interrelação entre o mundo interior e o exterior na procura por uma presumível identidade nacional[5].

O segundo ponto apontado por Dumont, remete ao estabelecimento de uma comunidade, a *Gemeinschaft*, que comunga dos mesmos rituais de sociabilidade e de um universo comum de valores que reúne tanto uma maneira de viver como um conjunto de ideias e conceitos que ordenam e regulam a interpretação da realidade. A partir disso, considero que a burguesia culta constituía uma comunidade envolta por uma cultura histórica na qual o conceito de *Bildung*, acompanhado pela *Kultur*, funcionava como um elemento da consciência histórica e orientava a interpretação da realidade circundante interligada às experiências históricas que se desenrolavam ao longo do tempo e que, por conseguinte, se uniam às expectativas de futuros possíveis. Em linhas

[4] Em 1914, o *Vossische Zeitung* publicou um chamado de alistamento direcionado aos estudantes alemãs para que fossem defender a *Kultur* alemã nos *fronts* de batalha. "Estudantes! As musas silenciaram. O que importa é a batalha, a batalha a que nos forçaram em defesa da *Kultur* alemã, que se vê ameaçada pelos bárbaros do leste, e em defesa dos valores alemães, que o inimigo no Ocidente inveja. Desse modo, o *furor teutonicus* irrompe em chamas mais uma vez. Refulge o entusiamo das guerras de libertação e começa a guerra santa". Burschen heraus! In: *Vossische Zeitung*. 391. 4 de agosto de 1914. Percebe-se aqui, claramente, o uso do conceito de *Kultur* para mobilizar ainda uma identidade não ocidental. Essa discussão não cabe nesse artigo, mas há aqui uma questão interessante que diz respeito à não identificação dos alemães com o Ocidente e com o leste, restando uma formação identitária peculiar.

[5] O uso do termo "identidade" é relativamente recente. Foi introduzido no final da década de 1940 na psicologia individual e absorvida para outras disciplinas. De acordo com Aleida Assman, "identidade" era uma nova palavra para um velho problema que, em épocas anteriores, foi designado por conceitos como *Wesen, Charakter, Bildung* e *Volk* [essência, caráter, formação e povo] (Assman 1998, 11-12). A ideia central do que entendemos por identidade – a permanência diante das mudanças significativas – estava assegurada no uso desses tantos outros termos

gerais, a cultura histórica se refere a uma articulação prática operada pela consciência histórica que orienta e respalda as ações individuais e coletivas, à medida em que as experiências históricas do passado são interpretadas à luz do presente com vistas ao futuro. O resultado desse ato interpretativo produz uma narrativa na qual o tempo ocupa um lugar central e é imprescindível para a reflexão acerca de toda e qualquer identidade ao garantir a sobrevivência e a transmissão da memória histórica (Martins, 2002). Ideias e conceitos são indispensáveis para a cultura histórica de toda e qualquer comunidade que precisa se haver com a fundamentação de sua própria identidade. *Bildung* e *Kultur* operavam como conceitos organizados em uma cosmovisão que garantia aos burgueses cultos a manutenção e a transmissão de seus valores e formas de viver mediante uma visão holística da sua própria comunidade e, simultaneamente, explicava a organização de seu próprio discurso identitário que, no caso alemão, se confundia com a identidade nacional. A comunidade era catapultada ao ideal de uma comunidade nacional estabelecida não pela vida política ou territorial, mas cultural. Não sem motivo, desde o final do século XIX, o conceito de *Bildung* foi mobilizado por representantes da *Bildungsbürguertum*, como Curtius, para explicar não apenas a crise social e cultural de seu próprio tempo, mas para garantir a manutenção da própria identidade de seu grupo social, diante de uma vertiginosa realidade na qual seus valores pareciam cada vez mais desnecessários.

A partir do final do século XIX, a *Bildung* como conceito orientador da cultura histórica dessa burguesia começou a se enfraquecer progressivamente, ainda que tenha conservado certa estabilidade até a Primeira Guerra Mundial (Koselleck 2020, 157). Decerto, o processo violento de unificação gestado por uma elite militar abalou significativamente o papel da burguesia culta como fautora da identidade nacional assentada na absorção intersubjetivamente compartilhada de uma cultura especificamente nacional. Concomitante a essa transformação política diante da fundação do II Reich, as mudanças da sociedade moderna contribuíram para estremecer a relevância social da *Bildungsbürgertum*. A Alemanha passou por um acentuado processo de industrialização em meio a uma avalanche de novidades técnicas. A expansão extraordinária das ferrovias que ocasionou o estreitamento das distâncias, a sociedade de massas, a modernização urbanística das grandes cidades, as exposições universais, a atordoante invenção do cinematógrafo, o fortalecimento do operariado como novo agente político, econômico e social e muitas outras transformações que despertariam sentimentos ambíguos de êxtase, cosmopolitismo e angústia que se aprofundariam no século XX europeu. Cabe ainda ressaltar que a Alemanha tomou parte na corrida imperialista do século XIX, e entre os anos 1880 até a Primeira Guerra, buscou expandir seu império mediante uma empreitada colonialista em regiões do continente africano.

O Tratado de Versalhes diante da derrota alemã na Primeira Guerra ensejou um sentimento de humilhação que se agravou com a fundação imposta da República de Weimar. Frente ao caos político e social, a burguesia culta não mais podia se esquivar dos debates políticos (Koselleck 2020, 159). Nesse sentido, foi necessário reorganizar os conceitos, as ideias e os valores que integravam a cultura história da burguesia culta que precisava enfrentar uma nova realidade política que a reposicionava em um novo mundo social no qual ela não mais ocupava o protagonismo. Foi mediante a reflexão sobre a relevância e a função da *Bildung* que parcela significativa de intelectuais responderam à crise da sociedade alemã que se aprofundava após o término da Primeira Guerra, ao

mesmo tempo em que se esforçavam para manter a importância da burguesia culta alemã frente a um mundo onde ela não mais parecia se encaixar.

Curtius parte da cultura histórica da *Bildungsbürgertum* para enfrentar o mar de incertezas pelo qual navegava a sociedade alemã e, mais especificamente, o grupo social ao qual pertencia e cujo pertencimento lhe havia legado o conceito de *Bildung* como elemento fundante da sua identidade e de seu entendimento do mundo. A República de Weimar, uma nova experiência política em um país com longa tradição imperial, foi acompanhada por um verdadeiro caos econômico – agravado pela crise de 1929 – e político -com o crescimento galopante da extrema-direita e da violência extra estatal promovida pelos *Freikorps*. Curtius publicou *Deutscher Geist in Gefahr* em fevereiro de 1932. Em janeiro do ano seguinte, o então presidente da República de Weimar, Paul von Hindenburg, nomearia Hitler como chanceler alemão.

Grande parte das reflexões sobre a crise da *Bildung* conectada diretamente à constatação de um declínio da cultura alemã foi gestada por professores universitários e isso não se deu por um mero acaso. A faceta institucional da *Bildung* se realizava em duas instituições unidas para manter e fomentar os valores da burguesia culta: o *Gymansium* – escola secundária que permitia o acesso às universidades – e a universidade – cujo modelo de exportação foi concebido por Wilhelm von Humboldt para a fundação, em 1810, da Universidade que carrega seu nome, em Berlim. Por essa razão, as considerações de diversos intelectuais sobre a crise nas universidades ou acerca das questões teóricas e metodológicas que cercavam suas disciplinas, partiam do arcabouço conceitual da *Bildungsbürgertum.*

Curtius estava inserido nessa tradição que era, inclusive, familiar. Seu avô, Ernst Curtius (1814-1896), conterrâneo de Thomas Mann, cursou estudos clássicos (*klassische Altertumwissenschaft*) e Filosofia na Universidade de Bonn, onde seu neto, mais tarde, também estudaria e desenvolveria sua docência. Ernst Curtius foi professor na Universidade de Göttingen e, posteriormente, em Berlim. Devido ao sucesso de sua empreitada em escavações na Grécia, com destaque para a realizada em Olímpia, Curtius tornou-se um dos principais nomes ligados às escavações arqueológicas na Grécia e seu nome integra, certamente, a memória disciplinar da Antropologia. Seu irmão, Georg (1820-1885), era também filólogo e professor nas universidades de Berlim, Kiel e Leipzig.

Curtius, o neto, se concentrou nos estudos em Filologia, com ênfase na língua e literatura românicas[6], nas universidades de Estrasburgo, Berlim e Heildelberg. Sua tese de livre-docência, defendida na Universidade de Bonn, sobre o crítico francês Ferdinand Brunetière, foi concluída em 1913. Foi a partir de sua cultura humanista que Curtius vivenciou o horror desencadeado pela instauração de um novo padrão de guerra estabelecido pela eclosão da Primeira

[6] A tradição da filologia românica se concentra nos estudos das literaturas derivadas do latim, mas que, de acordo com Edward Said, são ininteligíveis sem a doutrina cristã e seu fundamento secular no Sacro Império Romano. Para Curtius e seus contemporâneos (dentre os quais: Erich Auerbach, Karl Vossler e Leo Spitzer) a filologia românica dizia respeito a um interesse por todos os documentos escritos nas várias línguas românicas, "da numismática à epigrafia, da estilística à pesquisa de arquivos, da retórica e do direito a uma ideia abrangente e funcional de literatura que incluía crônicas, obras épicas, sermões, drama, histórias e ensaios.". No início do século XX, a filologia românica pertencia a uma tradição germânica que se iniciara com os estudos de Friedrich August Wolf acerca de Homero, passando pelos estudos bíblicos de Schleiermacher, e ainda algumas obras de Nietzsche. Para Said, essa tradição culminou na filosofia de Wilhelm Dilthey (Said 2021, XXIII-XXIV).

Guerra Mundial. Um ano e meio após concluir sua livre docência, Curtius lutou em uma frente de batalha próxima a Varsóvia, onde foi atingido por um tiro que lhe causou um ferimento na garganta e sua dispensa do *front* em 1915. Ao retornar à Alemanha, tornou-se *Privatdozent* em Bonn, com interstícios nas universidades de Marburg e Heidelberg, até regressar a Bonn, em 1929, onde trabalhou até sua aposentadoria, em 1951. Durante os duros anos do nazismo permaneceu longe dos holofotes da vida pública. Friedrich, seu irmão, seguiu também a tradição familiar e foi professor de Medicina nas universidades de Heidelberg e Lübeck. Poderíamos afirmar sem titubear, que Curtius estava, desde muito cedo, envolto pelas formas de sociabilidade e pelos valores da *Bildungsbürgertum*.

Para reagir ao pandemônio instaurado na República de Weimar, Curtius escreveu *Deutscher Geist in Gefahr* e recorreu a um elemento importante do romantismo alemão que nos remete imediatamente à cultura do humanismo moderno: a convicção de que era possível transformar o mundo mediante as palavras. Essa confiança na eficácia das letras permeava o mundo letrado da burguesia culta, estivesse ele dentro ou fora das universidades. Foi direcionado para esse cosmos que Curtius escreveu, a fim de encontrar algum tipo de redenção para a realidade babilônica de Weimar e para o naufrágio da *Bildungsbürgertum*.

DEUTSCHER GEIST IN GEFAHR – A *BILDUNG* COMO REDENÇÃO

Entre 1802 e 1803, pouco tempo antes de seu adoecimento psíquico, Friedrich Hölderlin (1770-1843), um dos mais significativos poetas do romantismo alemão, compôs o hino *Patmos***.** Seu título é homônimo da ilha grega situada no mar Egeu, onde um dos doze apóstolos, João, desterrado pelo império romano, viu-se diante da revelação divina que o levou a escrever o livro do Apocalipse. No final do século XI, foi construído um convento dedicado a São João que se tornou um local de peregrinação. Hermético, *Patmos* representa a simultaneidade de dois lugares, o de degredo e revelação, de fim e início, portanto, de desespero e redenção (Rondinelli 2018, 79; 97).

É com uma epígrafe retrospectivamente controversa, deslocada de *Patmos,* que Curtius abriu o seu *Deutscher Geist in Gefahr*. A tradução de Hölderlin é de Marco Lucchesi[7].

> Wo aber Gefahr ist, wächst
> Das Rettende auch.
>
> Mas onde nasce o perigo, cresce
> Também o socorro.

[7] Deixo um agradecimento especial ao poeta e professor de Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marco Lucchesi, que muito gentilmente me enviou uma cópia da sua última tradução revisada de *Patmos*, ainda inédita no Brasil, publicada esse ano na revista literária romena *Ramuri*. A primeira tradução de *Patmos* foi realizada por Lucchesi, em 1987, no livro *Patmos e Outros Poemas de Hölderlin*, edição hoje esgotadíssima. O hino completo de Hölderlin, no original alemão, pode ser acessado aqui: https://www.projekt-gutenberg.org/hoelderl/gedichte/chap131.html

Logo em seguida, nas primeiras linhas de sua introdução, Curtius sublinhou que aquele momento em que vivia, escrevia e publicava seu livro – a transição entre o ano que terminara, 1931, e o que se iniciava – era decisivo, "o mais importante desde o final da Guerra Mundial". O ano que mal despontara seria "um ano de grandes decisões" (Curtius 1932, 7). Nos âmbitos espiritual e artístico a Alemanha estremecia. "A mesma imagem se apresenta[va] em todos os lugares – um campo de escombros" (Curtius 1932, 7). Todas as modas artísticas que haviam prosperado entre as décadas de 1920 e 1930, como o *Jazz*, a Nova Objetividade e o cinema expressionista, começavam a ruir e a mesma ruína atingia as pseudossoluções políticas da República de Weimar. Diante dos augúrios que aquele vendaval parecia vaticinar, Curtius foi certeiro: "A Alemanha treme em convulsões, e nós possuímos apenas uma esperança: deve-se melhorar, porque não se pode mais piorar" (Curtius 1932, 7). O ano de 1932 deveria realizar, portanto, os lugares concomitantes de *Patmos*: de um lado a constatação da degradação, do desmoronamento e do colapso da vida alemã. De outro, a expectativa da redenção, da salvação e da revelação divina. Para parcela alemães, a revelação estava próxima, embora catastrófica, como já conhecemos e Curtius viria ainda a saber.

Burguês culto, formado na tradição cosmológica do *par Bildung-Kultur*, Curtius enxergou na restauração da *Bildung* a possibilidade de redenção da cultura alemã cujos efeitos se desdobrariam na vida social e política, abrindo-lhes outros caminhos. Herdeiro da cultura universalista do humanismo da Itália renascentista, o conteúdo cultural formador [*Kulturgehalt*][8] da *Bildung* se desenvolveu na Alemanha por volta de 1800, e não se vinculou, como na França, à afirmação de um estado nacional (Curtius 1932, 12). Percebe-se com clareza que o despertar da *Bildung* alemã correspondeu, para Curtius, ao florescimento do romantismo a partir do classicismo de Weimar. *Fausto*, de Goethe, se nos apresentava como o principal representante do conteúdo da *Bildung*, pois enquanto produto cultural da *Bildung* alemã, aspirava ao universal e à totalidade, elementos compartilhados com o romantismo.

A partir de *Fausto*, Curtius teceu a primeira crítica às relações entre a *Bildung* e o fortalecimento das ciências especializadas. Se o doutor Fausto indicava o impulso faustiano pelo conhecimento constituinte da *Bildung*, ela, por sua vez, portava também o doutor Wagner: a ânsia para transformar toda a realidade em objeto de análise científica. Quando a *Kultur* era transformada em artefato da ciência, sua unidade cosmológica com a vida se dissolvia. Nesse caminho, a *Bildung* – que deve ser compreendia entrelaçada à *Kultur* – se esvaziava. No entendimento de Curtius (1932, 13), essa situação lastimável se agravava diante do excesso de historicização. Toda a realidade era observada mediante um olhar historicizante que obliterava a sobrevivência de ideias e valores atemporais imprescindíveis para a formação e integração dos indivíduos no mundo, bem como sua faculdade de interpretá-lo. Fica evidente que Curtius compartilhou da crise atravessada pelo conhecimento histórico científico, a chamada crise do historicismo, cujos efeitos começaram a ser sentidos a partir do final do século XIX. Não se tratava necessariamente de uma crise dos métodos de pesquisa da ciência histórica. Afinal, as demandas do historicismo

[8] *Gehalt* abarca, no mínimo, dois tipos de conteúdo: o espiritual, no sentido das ideias [*geistiger; Ideeler Welt*], e o conteúdo de algum elemento físico que esteja contido em algo. No âmbito da *Bildung*, pode-se entender aqui que se trata de um conteúdo espiritual, um conjunto de ideias e ideais que constitui a *Bildung* e que, por sua vez, se expressa em produtos culturais que mantém um cânone que é por sua vez conteúdo da *Bildung*.

para a fundamentação científica da história, como a coleta e a crítica das fontes, bem como a virtude epistêmica da objetividade, continuavam válidas. O que se colocava na mesa para discussão era o distanciamento entre o conhecimento histórico científico e sua utilidade para a vida prática. De maneira geral, clamou-se pela união das duas esferas, a ciência e a vida. Para muitos intelectuais o que estava em questão era a função da *Bildung* diante de uma realidade cada vez mais técnica e utilitarista. Esse foi o reclame de Friedrich Nietzsche (1844-1900), por exemplo, em sua *Segunda Consideração Intempestiva* que, não por coincidência, recorreu ao principal nome do romantismo alemão para iniciar suas ponderações: Goethe. Não se pode perder de vista que esse foi o momento em que se estabeleceu uma crise no conceito de *Bildung* associada ao declínio de sua função social e do papel da *Bildungsbürgertum* como sua protetora.

Uma vez que todos os objetos culturais da *Bildung* eram historicizados, perdendo seu desempenho social para além do contexto histórico, o conceito de *Bildung* se convertia em um mero conceito sociológico, um objeto de análise científica. Por isso, Curtius (1932, 14) lamentou que "as forças culturais [*Kulturmächte*] da nossa época clássica se evaporaram [...]. E o conceito de *Bildung* tornou-se vazio e questionável". A *Bildung* "não significa mais o universal, mas designa apenas a forma sociologicamente condicionada pela qual nossa cultura nos é transmitida". Nesse sentido limitado, a *Bildung* "não é uma norma atemporal, mas a expressão temporal determinada de uma estrutura sociológica, como se apresentou na Alemanha em 1800 [...]" (Curtius 1932, 15). Encurralada no universo científico, a *Bildung* era incapaz de promover a sua mais significativa função. Curtius retomou o *Philosophische Weltanschauung* [Visão de mundo filosófica], do filósofo Max Scheler (1874-1928), publicado postumamente em 1929, para ratificar seu entendimento do conceito de *Bildung*: "a participação do homem em tudo o que é essencial na natureza e na história – é a concentração do mundo no ser humano ou a elevação do homem ao mundo" (Curtius 1932, 14). A consolidação e a emancipação metódica das ciências especializadas atravancavam a integração dos conteúdos da *Bildung* de maneira harmônica e organizada, imprescindível para manter sua coesão e sua unidade. (Koselleck 2020, 149). Do final do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, diversas crises se retroalimentaram e, pode-se sem dúvida inferir, que seu núcleo era constituído pela problemática do esgotamento do papel pragmático da *Bildung* para a vida quotidiana. As crises da modernidade, da identidade da burguesia culta correlacionadas à da identidade nacional, do conhecimento histórico e das ciências humanas de modo geral, estão impreterivelmente entrelaçadas ao conceito aglutinador da *Bildung*.

No intuito de restabelecer a relevância do seu grupo social, Curtius sublinhou que uma das razões para o esmorecimento da *Bildung* – além do caos social, político e econômico da Alemanha – era o declínio da *Bildungsbürgertum*. Uma vez que a burguesia culta era a salvaguardora da *Bildung*, seu desaparecimento ocasionaria naturalmente a implosão da *Bildung*. Uma não poderia sobreviver sem a outra. Sem a burguesia "uma substância insubstituível do patrimônio da *Bildung*" se dissolveria, e "para que esse processo seja interrompido ou revertido, é necessário reconhecer toda a sua periculosidade" (Curtius 1932, 16). Ou seja, a salvação da *Bildung* – e por extensão da *Kultur* alemã- dependia incontornavelmente da reabilitação da tarefa social *Bildungsbürgertum*.

É certo que a tentativa de Curtius de proteger a burguesia culta, bem como ressaltar sua atribuição social comporta uma perspectiva elitista da *Bildung*. No entanto, Curtius enfatizou que a recuperação da *Bildung* ia ao encontro da formação do povo, desde que guiada por uma elite cultural. Permanece no conceito de *Bildung* operacionalizado por Curtius a ideia de comunidade que lhe era intrínseca, a *Gemeinschaft*, estabelecida pela burguesia culta. É ela que guia os rumos nacionais, desde seu sentimento de comunidade alicerçado pela absorção de uma cultura compartilhada. A reestruturação da *Bildung* contemplava a formação do povo, mas não se confundia com o nacionalismo. A reconstrução da *Bildung* partia também "do povo, mas não de uma atitude nacionalista teimosa", mas sim "do povo do qual floresceram Goethe e Schiller, Herder e Hegel, deveria renascer a força do espírito e superar as mesquinharias políticas" (Curtius 1932, 18). A *Bildung* não era transcendente, dependia da burguesia culta e esta, por sua vez, de condições econômicas, sociais e políticas favoráveis à expansão e manutenção da cultura e da *Bildung* (Curtius 1932, 21).

Curtius não se esquivou em direcionar duras críticas à ascensão do nacionalismo da extrema-direita e sua aversão à cultura e à razão associada ao ódio racial. Curtius recorreu a um "romance universitário nacionalista" que advertia acerca dos perigos da intelectualização, sem referenciar o nome do autor sequer em uma discreta nota de rodapé. Trata-se de *Michael: ein deutsches Schicksal in Tagebuchblättern* [Michael: um destino alemão nas páginas de um diário], romance com teor autobiográfico escrito pelo futuro ministro da propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels (1897-1945), publicado em 1929. Goebbels, no excerto citado por Curtius (1932, 20), afirmou que "o intelecto é um perigo para a formação [*Bildung*] do caráter"[9]. A isso se juntava um apelo enganoso pelo irracional impulsionado por um ódio contra a razão. O encanto pelo irracional poderia destravar o caminho para atrocidades. Na lúcida visão de Curtius (1932, 20), "o irracionalismo abria o caminho não para a visão mítica, mas para a barbárie". O renascimento da *Bildung* não poderia advir de um nacionalismo liderado por uma "massa radicalizada, cujo sentimento nacional poderia ser resumido na primitiva fórmula do ódio aos judeus e no mito racial" (Curtius 1932, 27). O futuro da *Bildung* passava por uma conciliação entre os ideais humanistas e uma ideia de nacional renovada afastada do radicalismo da extrema-direita.

[9] É válido apresentar o trecho completo no qual se encontra o excerto utilizado por Curtius: "Die Spezialwissenschaft züchtet Hochmut und Fachsimpelei. Der gesunde Menschenverstand geht dabei meist vor die Hunde. Der Intellekt ist eine Gefahr für die Bildung des Charakters. Wir sind nicht auf Erden, um uns den Schädel mit Wissen vollzupfropfen. Das ist ja alles so nebensächlich, wenn es ohne Beziehung zum Leben bleibt. Wir müssen unser Schicksal erfüllen". [A ciência especializada produz arrogância e conversa fiada. O bom senso comum vai por água abaixo. O intelecto é um perigo para a formação do caráter. Nós não estamos na terra para encher a mente com conhecimento. Isso tudo é muito irrelevante quando não há relação com a vida. Nós devemos cumprir nosso destino" (Goebbels 1942, 14). Interessante notar, e isso talvez explique a escolha de Curtius de não apresentar o trecho inteiro, o universo semântico compartilhado socialmente e que servia tanto à direita quanto aos progressistas no estilo de Curtius. A ideia de que a ciência especializada não servia à vida é uma ideia fundamental e define o que Goebbels denominou por intelectualismo. A ciência especializada contribui, para Curtius, para a dissolução da *Bildung*. Para ambos, ela é um problema. Porém, ao que parece, Goebbels não possuía o mesmo entendimento da *Bildung*, igualando-a a uma educação formal escolar.

O argumento de Curtius quanto à tendência ao irracionalismo carrega um paradoxo. Curtius não admitiu que, em alguma medida, a corrente irracionalista promovida pela extrema-direita nacionalista era também oriunda do romantismo alemão. Curtius (1932, 20) apenas assinalou que essa vertente irracional era uma "direção pseudoromântica", que, naturalmente, não se confundia com o verdadeiro romantismo de Goethe e Schiller. Trata-se aqui de um argumento que não foi minuciosamente elaborado, restando como uma obviedade. No entanto, o paradoxo acabou por se intensificar, pois Curtius defendeu igualmente a saída do racionalismo para a regeneração do espírito alemão, o *Geist*, mediante a reestruturação da *Bildung*. Era intrínseco ao espírito alemão, comparado aos demais povos ocidentais, "uma necessidade metafísica, um impulso filosófico para compreender a essência de todas as coisas". Para Curtius, "os elementos, as razões e os contextos da natureza, da história e do espírito supra-histórico são o grande tema do pensamento alemão, e com essas tarefas ele [...] obtém vitórias que superam infinitamente o racionalismo dos povos ocidentais" (Curtius 1932, 28). Essa investigação de novos caminhos epistemológicos era, naquele momento, uma especificidade alemã. Apenas "na Alemanha, e somente na Alemanha se desenvolve um novo entendimento do humano", cujo ponto em comum era analisar "a posição do ser humano no cosmos" (Curtius 1932, 28). Essa superação do neokantismo se apresentava, por exemplo, na ontologia filosófica de Heidegger e na antropologia filosófica de Scheler.

Esse paradoxo apenas se soluciona, a meu ver, quando se compreende o vínculo entre o mundo intelectual e o conceito de *Bildung* operacionalizado pela burguesia culta. É evidente que Curtius advogou por novas possibilidades epistemológicas para o conhecimento científico. Não se deve confundir suas críticas com uma aversão à ciência, muito pelo contrário, ele foi um defensor da razão. Curtius não esmiuçou o que entendia por racionalismo, pois sua escrita estava integrada ao universo semântico e axiológico da *Bildungsbürgertum*. É lógico que a reabilitação da *Bildung* como elemento fundante da interpretação do mundo – do qual fazia parte o conhecimento científico – devia passar necessariamente pela revalorização da esfera do mundo interior e sua relação cosmológica com o mundo exterior. Isso não seria possível mediante uma prática científica restrita ao mundo fenomênico em detrimento do mundo interior. Esse era o racionalismo que Curtius entendia ser necessário superar. Era preciso ultrapassar o fenômeno e voltar à essência. Curtius não foi uma voz isolada. A necessidade de suplantar o mundo fenomênico e de retornar à interioridade deveria desempenhar uma função epistemológica para a construção do conhecimento científico e estava presente, por exemplo, na filosofia vitalista de Wilhelm Dilthey (1833-1911), na crítica da cultura de Georg Simmel (1858-1918), na história da literatura de Friedrich Gundolf (1880-1931), na filologia de Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff (1848-1931) e, do outro lado do Reno, na *durée* de Henri Bergson (1859-1941).

Apoiado nessas reflexões, Curtius construiu, desde minha perspectiva, o capítulo mais substantivo de sua obra, ao analisar a situação das universidades diante da conturbada realidade social e política de Weimar. A relevância de qualquer objeto de análise científica é justificada, em grande medida, pela sua conexão com a atualidade do sujeito interpretante, o pesquisador. No caso do conhecimento histórico, das relações explicativas estabelecidas entre as experiências do passado e as do presente. O mesmo ocorre com o ato cognitivo, criativo e culturalmente conformado da leitura. Toda narrativa trata de

experiências temporalmente interpretadas, é uma reação do autor frente ao mundo circundante (Iser 1996). Essas experiências são reatualizadas e integradas à historicidade de cada leitor, ensejando novas indagações, angústias e inquietações. Indico esses elementos talvez para explicar meu próprio posicionamento quanto à relevância do capítulo de Curtius. Há anos, diante do crescimento político da extrema-direita no mundo contemporâneo e o fortalecimento de uma guerra cultural, acompanhada por transformações culturais e geracionais, as universidades vêm sofrendo recorrentes ataques quanto a sua relevância educacional e social. A reação de Curtius frente ao seu mundo, especialmente quando tratou das investidas contra as universidades, inevitavelmente dialoga com a nossa atualidade, respeitando as diferenças conjunturais, culturais e conceituais das experiências históricas do passado e do tempo presente.

Ao se dedicar à problemática da *Bildung*, Curtius dificilmente poderia se desviar da tarefa de analisar e apontar a função pragmática das universidades para a reconstrução da *Bildung*. Na verdade, trata-se de um caminho argumentativo óbvio, pois se a *Bildung* estava em crise, a burguesia culta e a cultura também o estariam. O mesmo era válido para a vertente institucional da *Bildung*, a universidade e, por consequência, o conhecimento científico. São crises que não podem ser examinadas separadamente, pois eram universos que necessariamente se interrelacionavam. Ademais, Curtius ressaltou que a universidade integrava a sociedade e, por isso, os abalos políticos, econômicos e socais da República de Weimar incontornavelmente a atingiam, o que conduzia "na sequência do desmantelamento da *Bildung* busca-se o desmantelamento das universidades e assim o nível das nossas instituições superiores continua a baixar" (Curtius 1932, 56).

As universidades não deviam oferecer apenas uma formação técnica para o trabalho, pois a *Bildung,* alicerçada na sua tradição humanista, não podia se transformar exclusivamente em uma *Berufsbildung* (Curtius 1932, 61). A universidade alemã era uma instituição que encarnava uma ideia. "Ela é uma comunidade de vida e ao mesmo tempo um aparato sociológico do conhecimento" (Curtius 1932, 56). Na análise de Curtius, a principal questão acerca das universidades se relacionava ao seu ideal de *Bildung*. Apoiado nas reflexões de Scheler, Curtius enfatizou que o objetivo maior das universidades era integrar a educação intelectual ao desenvolvimento da personalidade humana (Curtius 1932, 62). Tratava-se de priorizar uma formação abrangente, em consonância com o conceito de *Bildung*. E mais que isso, esse ideal contemplava um desdobramento no mundo social, pois, ao formar-se nesse modelo, o indivíduo se tornava sujeito do mundo, modelo de inspiração moral. Cada pessoa era parte da humanidade, portava a humanidade em si. Realizava-se nesse caminho formativo o desenvolvimento individual e autônomo via *Bildung* em uma relação cosmológica com a humanidade, cosmos que era preenchido pela correspondência entre *Bildung* e *Kultur*. A cultura alemã, conteúdo da *Bildung*, vale lembrar, correspondia à manutenção da identidade alemã mediante a ação social da burguesia culta. A sentença de Novalis (2021, 53), portanto, continuava válida, "um homem perfeito é um pequeno povo".

Para desempenhar seu papel formativo, aliando educação profissional e desenvolvimento individual mediante a *Bildung*, as universidades precisavam, sobretudo, de liberdade. E não apenas liberdade acadêmica, mas liberdade plena, que devia existir como valor imprescindível na sociedade. Nessa ponderação, Curtius entendeu ser um equívoco entregar a organização institucional da

Bildung, as universidades, para o estado, pois isso causava o seu desmoronamento. Como na França, escreveu Curtius (1932, 74) "desenvolve-se entre nós a tendência para o desmantelamento do Humanismo e com isso de toda a tradição da *Bildung*". A *Bildung* não era um assunto para partidos políticos setorizados, não devia ser disputada em prol de interesses secundários que ameaçavam a sua sobrevivência.

Curtius não se opôs à abertura e à expansão das vagas nas universidades alemãs após o fim da Primeira Guerra. Não enxergou essa exigência parlamentar como a ascensão dos "sem talento" na vida acadêmica, como alguns de seus colegas denominavam. Curtius (1932, 76) retornou à defesa da formação de uma "elite da *Bildung*" [*Elitenbildung*], cujo modelo moral deveria guiar a sociedade de massas. Essa elite trataria de promover a cultura alemã e sua herança humanista mediante a manutenção da *Bildung*. Era essa elite que garantiria a sobrevivência da tradição humanista. Nesse ponto, Curtius foi assertivo ao defender uma postura "conservadora" que ele fez questão de definir, distinguindo-a de uma postura reacionária. Para Curtius (1932, 57), guardar, estimar e manter os clássicos fundadores do estado e da filosofia moderna caracterizava o que denominava por postura conservadora. Afinal, a universidade não era a progenitora do humanismo, mas sob ela pousava a responsabilidade de conservá-lo (Curtius 1932, 65).

Curtius (1932, 63-64) se opôs aos debates acadêmicos que discutiam a "ideia do humanismo" por se concentrarem exclusivamente na conjuntura daquela atualidade, além da tendência à pedagogização e às controvérsias metódicas. Curtius procurou por uma transcendência dos conceitos de *Bildung*, cultura e humanismo que vencesse a mera imanência histórica e sobrevivesse a partir da ação de uma elite cultural. Permanece em Curtius a ideia norteadora da *Bildung* e sua importância para a fundamentação de uma coesão social com validade nacional que se desenvolveria mediante a formação interior para depois se estender para o mundo exterior. Essa via – de dentro para fora e vice-e-versa- é o que sustenta a sobrevivência, portanto, do espírito alemão, o *Geist*. Essa ausência de uma aspiração transcendente era um dos grandes equívocos do nacionalismo associado ao fortalecimento da extrema-direita. Em oposição ao verdadeiro nacionalismo, esse nacionalismo estava aprisionado no tempo presente e assim, ele não estaria apto a guardar a tradição do humanismo ocidental, bem como a cultura e a *Bildung* cuja manutenção dependia da transmissão geracional dessa tradição.

Sem fazer referência ao termo, Curtius ressaltou a necessidade de orientação histórica, pois "sem uma ligação viva com o passado não se pode ter uma consciência cultural. Porém, o mais recente nacionalismo não quer apenas se livrar do hoje tão difamado século XIX, mas de toda a tradição histórica em geral" (Curtius 1932, 40). Por essa razão esses movimentos haviam perdido o "sentido do tempo" e se comportavam como "inimigos da cultura", negando assim a sua autonomia (Curtius 1932, 40). Essa desorientação temporal era, na verdade, sintomática do recrudescimento desse tipo de nacionalismo. Era peculiar nesse nacionalismo internacional alemão se colocar "contra o *Geist* – também esse do próprio povo" (Curtius 1932, 43). "Esse nacionalismo", ratificou Curtius "não apenas rejeita a razão e a tradição através do seu gesto de superioridade; parece que ele perdeu também o sentido do tempo no "turbilhão do desenvolvimento" [...]. Na consciência do homem atual, observa-se uma fuga do passado" e uma valorização superestimada do presente que simultaneamente

gerava "a desvalorização do passado e do futuro" (Curtius 1932, 40)[10]. A reconstrução da *Bildung* dependia de uma nova relação com o tempo histórico e da permanência das conexões entre passado, presente e futuro e a valorização da tradição humanista clássica vinculada à *Bildung* e à identidade da burguesia culta alemã.

O derradeiro capítulo de Curtius nos apresenta um lampejo de esperança. A redenção da cultura humanista era imprescindível para a sobrevivência e reconstrução da *Bildung*. Essa tradição humanista era elemento integrante e integrador da identidade europeia, da qual também comungavam os alemães. O humanismo era um projeto que sobrevivia para além da condicionalidade do tempo histórico, embora dependesse de condições históricas favoráveis para se manter. Embora hoje nos soe ingênuo, Curtius nos legou uma ideia simples e próspera de humanismo, em um momento de crescimento vertiginoso da violência em todos os âmbitos da sociedade alemã:

> O humanismo não é nada se não for entusiasmo pelo amor. Ele apenas pode marcar épocas, povos e pessoas se provir da exuberância da plenitude e da alegria. É a descoberta embriagante de um arquétipo amado [*Urbild*]. É o encontro do próprio espírito moderno com uma vida que dormia nas profundezas sombrias do sangue e agora se assegura às suas origens (Curtius 1932, 107).

Apenas quando esse sentimento se interioriza no humano – mediante a permanência da tradição – o humanismo pode se fundamentar como elemento da *Bildung*. Esse sentimento humanista que integrava a *Bildung* e, por extensão, a cultura alemã, não era conciliável com aquela Alemanha de 1932, onde vigorava o crescimento da violência e do ódio racial. Subsiste em Curtius um ideal romântico, ao afirmar que esse sentimento não renasceria por um caminho programático, mas espontaneamente pela "intensidade criativa da vida". Curtius esperava que esse humanismo renovado adentrasse as universidades e promovesse alguma harmonia e paz social (Curtius 1932, 115).

Curtius caminhou para o arremate de suas conclusões, reforçando para seus leitores a ideia de que aquele ano, 1932, trazia não apenas o desmoronamento da vida cultural e política alemã, mas também a possibilidade para seu renascimento em um novo formato, sem desprezar a tradição. As ponderações de Curtius não deixam de trilhar relações com a nossa atual conjuntura. Naquele segundo terço do século XX, "o humanismo deve voltar à vida, um humanismo total: que seja sensorial [*sinnlich*] e espiritual, filológico e artístico, religioso e político ao mesmo tempo." E mesmo que "a insensibilidade dos tempos, o desagrado dos superiores e a grosseria da multidão impe[çam] essa nova vida nos dias atuais, mesmo assim os dispersos e anônimos se reunirão e agirão em segredo" (Curtius 1932, 130). Não foi por acaso que Curtius escolheu o filósofo e poeta romano Lucrécio para finalizar as suas ponderações, ressaltando a necessidade da revalorização da tradição para a manutenção da *Bildung* e do humanismo frente ao caos: *Vitai lampada tradunt.*[11]

[10] No segundo capítulo de sua obra, Curtius se dedica a analisar a revista *Die Tat*, como exemplo de promoção desse novo nacionalismo da juventude. A revista foi publicada entre 1909 e 1938. Nos anos da República de Weimar, *Die Tat* obteve uma importante repercussão entre a juventude e a classe média alemã e se conectou a uma postura conservadora e nacionalista.

[11] Retirado do poema *De rerum natura* [Sobre a natureza das coisas]. O excerto amplamente conhecido é usado para ressaltar, retomando uma corrida de revezamento, as tradições que são transmitidas de uma geração a outra e sustentam, portanto, a vida. Uso aqui a tradução do trecho completo realizada por Rodrigo Tadeu Gonçalves: "Assim, a soma das coisas sempre renova-se,

***

O livro de Curtius provocou um contra-ataque. Em 1932, o folclorista, germanista, historiador da literatura e colega de Curtius na Universidade de Bonn, Hans Naumann (1886-1951), publicou *Deutsche Nation in Gefahr* [Nação Alemã em Perigo][12]. Membro entusiasta do NSDAP, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ao qual se filiou no primeiro de maio de 1933, Naumann discursou em prol da queima de livros em Bonn. O fortalecimento do nazismo, junto aos movimentos juvenis de direita e aos movimentos paramilitares, os *Freikorps*, promoveria a reunião das virtudes germânicas esfaceladas desde o advento da modernidade. O nazismo marcava o retorno do Romantismo e, por isso, do renascimento da nação. E uma vez que o Romantismo se contrapunha ao Iluminismo francês, o nazismo não apenas também o rechaçava, como igualmente o seu fruto, a sociedade liberal e sua odiosa ideia de igualdade homogênea derivada da ideia romana de *civis romanus*, elemento da civilização francesa.

Se por um lado, Curtius enaltecia o pertencimento alemão à cultura europeia e o via como um antídoto para aquela realidade política caótica na qual vivia, Naumann, por outro lado, o desprezava. Se Curtius (1932, 11) recorreu ao *Ritterliche Standeskultur um 1200* [Cultura Cavalheiresca por volta de 1200], de Naumann, para reafirmar a integração da cultura alemã à tradição ocidental-mediterrânea, sobretudo via França, Naumann a entendia como um malefício. A inserção de outras tradições à cultura alemã, mesmo que importantes, foi perniciosa, pois introduziu elementos estrangeiros que degeneraram o verdadeiro âmago alemão.

Naumann clamou por uma nova elite, avessa à ideia de igualdade advinda do Iluminismo, cuja missão era guiar as massas e restaurar os valores germânicos imutáveis para a contemporaneidade. Os efeitos danosos do iluminismo (o proletariado, o marxismo, o liberalismo, o feminismo) haviam desestruturado a harmonia entre as classes alemãs. Uma vez extirpados pela elite do nacional-socialismo a coesão social se restabeleceria acompanhada da verdadeira essência alemã, salvaguardada pelos camponeses e transmitida para essa nova aristocracia nacional germânica. Naumann defendeu existir uma "*Germania Eterna*", cujas ruínas haviam sobrevivido na modernidade mediante a fantasia e a literatura popular, a cultura e o estilo de vida camponês. Essas ruínas deveriam ser reconstruídas para integrar o mito germânico propagado pelo nacional-socialismo.

e, por sua vez, os mortais assim vivem. Crescem algumas gentes e outras então diminuem, e, num breve espaço, as gerações de viventes mudam-se e, como se fossem atletas, entregam as tochas" (Lucrécio 2021, v.70).

[12] Tive conhecimento da publicação de Hans Naumann, ao pesquisar o livro citado por Curtius, no decorrer da escrita desse artigo. De maneira geral, a querela com Curtius não apareceu, mesmo no excelente e longo posfácio de *Elemente der Bildung*, embora o nome de Naumann se apresente. Encontrei a tese de doutorado de Annamaria Bercini, defendida na Universidade de Bolonha, em 2015, acerca do livro de Curtius. A autora dedicou um capítulo ao texto de Naumann. As informações que aqui apresento foram, em sua maioria, apontadas por Bercini. A publicação de Naumann é rara, não há disponibilidade *online*, e é dificilmente encontrada em sebos, aqui ou na Alemanha. A referência completa da tese de Bercini está devidamente listada na bibliografia final.

A burguesia estava excluída dessa equação e, por isso, Naumann, ao contrário de Curtius, não alegou haver na *Bildung* uma crise correlacionada ao espírito alemão. Se para Curtius a *Bildung* alemã comportava a cultura europeia – esse ideal de homem europeu universal - logo, para Naumann, se encontrava nela, na verdade, um problema, já que era formada por conteúdos alheios ao espírito germânico. Sua dissolução era consequência das relações nefastas estabelecidas entre a burguesia alemã, o Iluminismo e seus desdobramentos. A *Bildung* era, na verdade, uma forasteira. A derradeira parte do ensaio de Naumann apresenta como título a mesma epígrafe com que Curtius abriu seu *Deutscher Geist in Gefahr*. Para Curtius, a salvação proveria da *Bildung*, em consonância com a cultura europeia. Para Naumann, a salvação já estava dada: o nacional-socialismo.

Com a ascensão dos nazistas ao poder, um clima de perseguição se instalou nas universidades. Na edição de 24 de março de 1933 do jornal oficial dos nazistas, o *Völkischer Beobachter,* foi publicada a resenha "Sobre o Deutscher Geist in Gefahr". O autor, Hermann Sauter (1907-1985), romanista e bibliotecário que em razão de seu suporte institucional ao nazismo viria assumir a direção da *Stadtbibliotek* e da *Städtischen Volksbüchereien* de Munique, declarou que a obra de Curtius se contrapunha à nova Alemanha. No julgamento enviesado de Sauter, Curtius teria razão se "com esse suspiro do seu coração desorientado pelo contínuo contato com judeus e simpatizantes do judaísmo, o espírito cuja decadência lamenta realmente fosse o espírito alemão" (Sauter 2017, 505). Ao atacar o nacionalismo racial e o ódio aos judeus propagado pelos nazistas e defender a integração à democracia liberal, Curtius não havia compreendido o verdadeiro espírito alemão que agora poderia ser vivenciado (Sauter 2017, 506-507). Curtius devia ser reconhecido pelas suas pesquisas científicas, como um *Wissenschaftler,* mas jamais como um político cultural, um *Kulturpolitiker,* porquanto sua incompreensão acerca da fundamentação biológica da cultura alemã (Sauter 2017, 508).

Curtius não foi demitido da universidade de Bonn, mas foi certamente observado[13], pois nunca cogitou uma conversão aos ideais racistas do nazismo. Em carta à poetisa Catherine Pozzi (1882-1934), de 2 de abril de 1933, além de expressar preocupação com a publicação da crítica de Sauter, Curtius constatou que diante de um espaço intelectual policiado pelos próprios colegas, "os espíritos independentes terão que se refugiar no silêncio ou na pura ciência". Na mesma carta, Curtius colocou-se veementemente contra o nazismo: "Dói-me que o meu país faça tudo aquilo (especialmente o boicote aos judeus) que o torna um objeto de repulsa da humanidade" (Wieckenberg 2017, 393).

Com o término da guerra, em 1945, Curtius se esforçou para publicar uma terceira edição ampliada e revisada de *Deutscher Geist im Gefahr*, projeto que não veio a se concretizar, em alguma medida, em razão de discordâncias com a editora (Wieckenberg 2017, 386). No manuscrito da terceira edição do livro, depois da intempérie nazista, Curtius datilografou um adendo para o prefácio: "Julho de 1932 trouxe o golpe de estado na Prússia e a vitória do movimento de Hitler. Tornou-se noite na Alemanha" (Wieckenberg 2017, 387).

[13] De acordo com Wieckenberg (2017, 391), o biógrafo de Curtius, Heinrich Lausberg, afirmou, sem apresentar evidência documental, que fora Hans Naumann quem impediu que Curtius fosse demitido ou enviado a um campo de concentração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retorno aqui ao hino *Patmos*, que outrora inspirou Curtius. Nele, Hölderlin narrou o afastamento do homem moderno da presença divina em seu quotidiano, o desencantamento da vida. Muito distinto da cultura clássica que *Patmos* representa, o homem moderno não mais experienciava diretamente o divino no mundo. Não o alcançava mais pelos sentidos e pela união cosmológica e harmônica com a natureza. Os filhos dos Alpes então se reúnem em torno de "As montanhas do tempo/E onde vivem aqueles que amamos/Abatidos, nestes cimos separados"[14]. Pedem então às águas virgens que lhes dê asas para "lá chegarmos e voltar". Para o reencontro com o divino, era necessário regressar ao passado, fazê-lo presente, reconstituir o elo entre a cultura clássica e a moderna para que o divino emergisse novamente. O restabelecimento da presença divina no mundo se daria em razão de sua perniciosa ausência. "Ah! Desde há muito a glória/Dos deuses não se vê/ Pois é-lhes forçoso/Conduzir nossas mãos, e um poder, ó vergonha,/ Vem arrebatar o nosso coração", escreveu Hölderlin. No seu desfecho, *Patmos* reúne novamente o divino ao humano: "mas o Pai,/Que reina sobre todos,/Quer que a letra se mantenha/E que bem se interprete o sentido./E o canto alemão obedece".

Hölderlin realçou a necessidade do homem de manter uma conexão com o sublime, o divino no mundo, cuja presença daria ao homem um alicerce para nortear a própria vida e interpretar suas próprias experiências. Não passa despercebido aos nossos olhos a filiação religiosa da *Bildung*. Para Curtius, não temo em afirmar, a *Bildung* era redentora. Era a *Bildung* que salvaria a Alemanha do naufrágio em que ela se encontrava, ao reabilitar e atualizar a cultura humanista que lhe era intrínseca. À burguesia culta cabia a função de organizar uma elite cultural que deveria salvaguardar essa tradição e transmiti-la às futuras gerações.

Do ponto de vista de seu desenvolvimento histórico, o conceito moderno de *Bildung* agregou normas religiosas, secularizando-as. De acordo com Koselleck (2020, 133), a *Bildung* nunca abandonou seu teor religioso, sobretudo aqueles relacionados ao culto pietista que enfatizava a auto obrigação individual e que se contrapôs sobremaneira ao racionalismo advindo do Iluminismo e à ortodoxia da igreja. Assim, a *Bildung* assumiu um aspecto religioso, porém livre com relação à dogmática da organização institucional religiosa, ao mesmo tempo em que manteve ideais de reforma social. Nesse caminho, "a religiosidade moderna era secular, no sentido de que a doutrina cristã do pecado original [...] agora era substituída por um sentimento de dilaceração, por uma consciência refletida de alienação, que se reconhecia a si mesma como *Bildung*" (Koselleck 2020, 135). Dessa forma, ressaltou Dumont (1994,10), a centralidade ocupada pelo indivíduo autorresponsável na cultura alemã, foi influenciada pelo impacto da reforma luterana, o desdobramento do individualismo humanista no âmbito religioso. Na primeira metade do século XVIII, esse individualismo de caráter luterano se expandiu para o pietismo que fez acentuar o sentimento comunitário de pertencimento. Na segunda metade do mesmo século, esse pietismo encontrou a oposição do individualismo promovido pelo Iluminismo e, depois, pelo vendaval da Revolução Francesa. As ideias de indivíduo e sociedade passaram a ameaçar os laços comunitários herdados da reforma luterana e de seu desdobramento pietista.

[14] Tradução de Marco Lucchesi, como já mencionado na nota 7.

A partir do final do século XIX, diante do crescimento da sociedade industrial e da crise do conhecimento científico, associado ao enfraquecimento da função social da burguesia culta como promotora da identidade alemã, a *Bildung* passou a ocupar a centralidade das preocupações de parcela da intelectualidade alemã. A reconstrução do conceito de *Bildung* e da restituição da burguesia culta como sua protetora, garantiria a sobrevivência da cultura alemã e a herança do ideal humanista integrado à cultura europeia. De maneira geral, intelectuais como Curtius acreditaram que, ao restituir o protagonismo da *Bildung*, poderiam indicar um caminho salvífico para a situação conturbada da Alemanha do pós-guerra.

Nesse sentido, a *Bildung* se apresentou também, assim compreendo, para além de um elemento importante da consciência histórica, como uma esperança de salvação. A tríade *Bildung-Kultur-Humanismus* representou uma possibilidade redentora, uma união entre o transcendente e o imanente característica da experiência religiosa. Não é exagero dizer que, em meio à uma realidade onde o futuro parecia ser desesperador, a *Bildung* se mostrou como uma oportunidade de restituir o divino no mundo. Como em Hölderlin, o seu desaparecimento conduzia à necessidade de seu renascimento. Outro aspecto dessa experiência que tange ao divino, foi a procura por uma outra experiência do tempo que ultrapassasse a mera condicionalidade histórica e resguardasse uma conexão com valores eternos e transgeracionais. Foi na tradição do humanismo, tão cara à *Bildung* e à *Kultur*, que Curtius enxergou a conjunção entre os valores atemporais e a realidade temporalmente demarcada.

Diante da eminência da catástrofe, ou pelo menos de seu alvorecer, do fortalecimento do nazismo, do ódio aos judeus e da desorganização da República de Weimar, em uma Alemanha já traumatizada pela experiência da Primeira Guerra, Curtius não se esquivou de expor o que pensava. Sua lucidez não deixa de nos impressionar. Herdeiro da cultura humanista a qual não apenas se dedicou a pesquisar, mas que entendia ser um componente importante da sua *Bildung* e de sua compreensão do mundo, Curtius sobreviveu ao nazismo e viu a ruína completa do humanismo nos campos de concentração, no genocídio de judeus, negros, deficientes, ciganos e tantos outros grupos que os nazistas consideraram indignos de pertencer à nação alemã. Se em 1932, Curtius percebeu que o desmoronamento se aproximava, podemos conjecturar seu sofrimento após o fim da ditadura nazista e da Segunda Guerra Mundial.

Os elementos basilares do conceito alemão de *Bildung* não apenas continuam válidos, como são, assim penso, muito necessários: formar-se e desenvolver-se de modo reflexivo, independente e responsável, a fim de se integrar e compreender o mundo histórico circundante sem perder de vista a humanidade, o respeito ao ser humano em todas as suas potencialidades. Formar-se é carregar consigo a ideia de humanidade. A *Bildung* porta um princípio de esperança, mas é, principalmente, uma resistência frente ao crescimento progressivo da extrema-direita, tanto no mundo de Curtius, como no nosso.

No momento em que escrevi esse texto, o crescimento de política de extrema-direita já é, há anos, galopante. Basta ver as recentes organizações parlamentares, por exemplo, de países como a Polônia, Itália e Eslováquia. A Hungria se encontra em estado de exceção desde a eclosão da pandemia global de Covid-19. Seu presidente, Viktor Órban faz duras e constantes investidas contra as universidades, onde não é mais possível pesquisar ou ensinar qualquer tema relacionado aos estudos de gênero. Na Alemanha, a *Alternative für*

Deutschland, a AfD, partido de extrema-direita, atingiu cifras consideráveis nas últimas eleições parlamentares. No Brasil, as universidades foram alvos privilegiados – e continuam a ser, em alguma medida – da direita conservadora, o que gerou ataques a docentes e alunos. Duas guerras, dentre tantos outros conflitos de caráter regionais, permanecem em andamento. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia acende antigos ressentimentos e ameaça o equilíbrio de poder no continente europeu, abalando constantemente o estado de paz entre os países. O conflito entre Israel e Palestina, cujo fim parece se aproximar, nos lega imagens difíceis de digerir, relembrando-nos da falência do humanismo.

O humanismo de Curtius se mostra a nós como um projeto que ultrapassa o humanismo histórico e nos serve de baliza frente às atrocidades quotidianas. Diante de uma realidade que parece todos os dias nos desanimar quanto ao futuro, gostaria de finalizar esse escrito, retomando a esperança de Curtius, mesmo que ela nos pareça acentuadamente ingênua:

O humanismo não é nada se não for entusiasmo pelo amor.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida; FRIESE, Heidrun. *Identitäten. Erinnerung, Geschichte.* Identität 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.

BERCINI, Annamaria. Hans Naumann, Deutsche Nation in Gefahr. In: *Il Discorso Politico Culturale del Deutscher Geist in Gefahr di Ernst Robert Curtius*. Dottorato di Ricerca in Culture Litterarie, Filologiche Storiche. Universitá di Bologna, 2015.

Burschen heraus! In: *Vossische Zeitung*. 391. 4 de agosto de 1914.

CURTIUS, Ernst Robert. *Deutscher Geist in Gefahr*. Stuttgart; Berlim: Deutsche Verlag, 1932.

CURTIUS, Ernst R. Abbau der Bildung. In: *Die Neue Rundschau*. Berlim; Leipzig: S. Fischer, 1931.

DUMONT, Louis. *German Ideology. From France to Germany and back*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1994.

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823-1832*. Tradução de Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Unesp, 2016.

GALLE, Helmut. Posfácio. In: *Os Buddenbrook. Decadência de uma família*. Tradução de Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOEBBELS, Joseph. *Michael:* ein deutsches Schicksal in Tagebuchblättern. München: Zentralverlag der NSADP, 1942.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura*. 2 vols. São Paulo: Editora 34, 1996.

LOTHAR, Helbing (et.al). *Friedrich Gundolf: Briefwechsel mit Herbert Steiner und Ernst Curtius*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1963.

KOSELLECK, Reinhart. Sobre a estrutura antropológica e semântica do conceito de Bildung. In: *Histórias de Conceitos*: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. In: *Futuro Passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LEPENIES, Wolf. *As Três Culturas*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LUCCHESI, Marco. Tradução de *Patmos*, de Hölderlin. Manuscrito cedido pelo autor, 2025.

LUCRÉCIO. *Sobre a Natureza das Coisas*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MANN, Thomas. *Doutor Fausto*. A vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo. Tradução de Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Cultura e Poder*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), 2002.

NOVALIS. *Pólen:* fragmentos, diálogos, monólogo. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2021.

PICHT, Barbara; WIECKENBERG, Ernst-Peter. Vorwort. In: CURTIUS, Ernst Robert. *Elemente der Bildung*. München: Verlag C. H. Beck, 2017.

RONDINELLI, Marcelo. Patmos, de Hölderlin, por Lucchesi: 30 anos de uma experiência-itinerário. In: *Pandaemonium*. São Paulo, v. 21, n. 34, mai-ago 2018, p. 74-98.

SAID, Edward. Introdução à edição comemorativa de cinquenta anos da edição americana. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SAUTER, Hermann. Über Deutscher Geist in Gefahr. In: *Völkischer Beobachter*, 24. März 1933, Zweites Beiblatt, 83. Augabe. Publicado em: CURTIUS, Ernst Robert. *Element der Bildung*. München: C. H. Beck, 2017.

SELBMANN, Rolf. *Der deutsche Bildungsroman*. Stuttgart; Weimar: Metzler, 1994.

WIECKENBERG, Ernst-Peter. Nachwort. In: CURTIUS, Ernst Robert. *Elemente der Bildung*. München: Verlag C. H. Beck, 2017.

Bildung como redenção:
Ernst Robert Curtius e O Espírito Alemão em Perigo
Artigo recebido em 20/10/2025 • Aceito em 05/03/2026
DOI | 10.5216/rth.v28i1.84212
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892

Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado